

Brincantes e Goleiros, considerações sobre o Brincar e o Jogo a partir da fenomenologia da imagem.¹

Soraia Chung Saura
Renata Meirelles

*Há um menino / Há um moleque / Morando sempre no meu coração/
Toda vez que o adulto balança / Ele vem pra me dar a mão/
Há um passado no meu presente / Um sol bem quente lá no meu quintal/
Toda vez que a bruxa me assombra / O menino me dá a mão/
(Bola de meia, Bola de gude, Milton Nascimento)*

Uma parelha

Escrevemos este texto a quatro mãos, pois faz tempo nossos caminhos se encontraram. Dialogando e trocando os fios, duas comadres e um tear. Achamos uma ponta de linha bonita, outra consistente, outra de uma cor duvidosa. Mostramos uma para a outra: Você viu esse aqui? E esse outro? De repente, sem que nos déssemos conta, temos construído um bordado. Nele, aprendizados, momentos emblemáticos, mais-querer uma pela sorte da outra, o acompanhamento de nascimentos, da educação dos filhos, das perdas e dos ganhos.

Juntas percorremos a pós-graduação, o caminho para o sítio, muitas escolas, algumas comunidades. Desenvolvemos um incomum diálogo sobre o movimento humano e suas manifestações, sob o prisma de um mesmo referencial teórico. Encontramos nestes estirões professores-crianças, professores-adultos, meninos-grandes e idosos-meninos. Cada qual com seus jogos e brincares.

Outro dia, em terras longínquas, vi duas senhoras amassando barro e fazendo potes. Conversavam enquanto fabricavam - com suas crianças atadas às costas. Uma amizade e o trabalho sendo feito, os potes eram bem-postos, jeitosos e formosos. No vento frio que cortava os lábios, anunciavam um caldo quente. Talvez na luz lançada pela Cordilheira dos Andes a cena fosse pictórica, incrível. São muitas as mulheres mães-professoras-cozinheiras-artesãs.

¹ Artigo publicado em Correia, WR; Rodrigues, BM (orgs) Educação Física no Ensino Fundamental: da inspiração à ação. Editora Fontoura, Varzea Paulista / SP. 2015. P. 35-60.

Assim, este texto apresenta-se cúmplice e parelho. Intenta compartilhar algumas de nossas reflexões e descobertas. Pretende-se modesto, almejando acrescer uma reflexão sobre o Jogo e o Brincar nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental. São numerosas as escolas em diversas realidades de um só país, o nosso.

Nossa cumplicidade se enlaça e se fortalece quando juntas nos propomos a ir ao encontro do outro. O outro brasileiro pouco dito, pouco revelado. Aquele que amanhece e anoitece em consonância com o tempo que a natureza tem. Que carrega a ancestralidade nos gestos e agradece a vida com festas coloridas e cantorias agudas, nos mostrando possibilidades outras de viver. Que se movimenta de forma exuberante e por horas a fio.

Para esses brasileiros e brasileiras, a Educação Física é uma ficção longínqua, algo que, muitas vezes, mal ouviram falar. Quantas e quantas escolas percorremos, e ao perguntar sobre a maneira que desenvolvem o trabalho de Educação Física, paira no ar um silêncio constrangedor, ou às vezes vem uma risada no canto da boca, como quem diz: “Ah, isso de Educação Física é para o povo da cidade, aqui a gente se vira para fazer o básico, o essencial”.

O fato é que algumas escolas não valorizam a Educação Física como componente curricular e excluem as crianças desta envolvente experiência. Sob a chancela de não precisarem de atividades físicas - afinal, andam quilômetros para chegar à escola, ajudam os pais na roça, brincam em espaços externos, têm rios, praias e grandes florestas a sua disposição – mantém a disciplina em último plano. Se ela existe, simplesmente é para reforçar padrões e estereótipos já existentes, raramente dialoga com a realidade local.

Sob essa perspectiva, há um entendimento do senso comum de que as oportunidades vividas por elas fora da instituição garantirá um corpo ágil, flexível, forte, potente, criativo, capaz de realizar habilidades que, certamente, a escola não seria capaz de oferecer. É posto que a vida cuida do corpo desses meninos, e a escola, da mente. Essa sim, merecedora de ser preenchida com conhecimentos que os levarão a oportunidades "salvadoras", permitindo que "sejam alguém na vida", e que consigam, finalmente, romper com todas as mazelas vividas pela família no campo e nas periferias de grandes centros, atingindo o tão desejado por todos: o título de "doutor".

Está subentendido que "ser alguém na vida" significa o não uso do corpo no trabalho, livrar-se desse fardo. O sucesso no mundo atual pressupõe imobilidade, conforto, resolução de problemas pela via da informação, da razão. O corpo no trabalho

é sinônimo de inferioridade, de atraso, de pobreza e isso ninguém quer. A escola, de modo geral, é entendida como o trampolim da salvação, aquela que irá tirar o povo brasileiro do atraso e permitirá que, em última instância, seja um excelente consumidor.

Esse é um tema amplamente discutido no filme "Escolarizando o Mundo"², onde se assume que hoje, a escolarização ocidental é responsável por introduzir uma monocultura humana ao redor do mundo. Praticamente um mesmo currículo está sendo ensinado, treinando pessoas para empregos muito escassos de uma cultura urbana e de consumo. A diversidade de culturas, assim como a diversidade de indivíduos, está sendo destruída dessa maneira uniformizante. Ainda, segundo o filme, 99% das atividades que acontecem sob o rótulo de "educação", vêm desse plano bem específico, que se estendeu para além da expansão colonial ao redor do mundo. E hoje, nos países em desenvolvimento o plano fundamental básico é o mesmo: acesso a uma economia moderna e centralizada, que em última instância cria uma dependência ao mercado. Empurrado sociedades tradicionais para fora de suas vidas autônomas, de suas próprias culturas e de seu imenso e característico auto respeito.

Essa educação ocidental introduzida nas culturas tradicionais ao redor do mundo cria sobretudo um imenso sentimento de inferioridade. Os livros falam da cultura de consumo como sendo o progresso e única forma de existência. O resultado é que até as crianças sentem que sua própria cultura, seu idioma e sua maneira de viver são atrasadas, primitivas e vergonhosas.

Tratar as práticas tradicionais como sinônimo de atraso e como algo desnecessário que não gera os resultados esperados corrobora com a visão unificadora da educação, desvalorizando singularidades, riquezas e modos de vida e de sobrevivência que podem ser uma referência para a cultura ocidental tal e qual a conhecemos hoje. Lévi-Strauss, em uma de suas últimas palestras em vida, reflete:

Por muito tempo um ato de fé, a crença em um progresso material e moral voltado a jamais se interromper sofre, assim, sua crise mais grave. A civilização de tipo ocidental perdeu o modelo que dera a si mesma, já não ousa oferecer esse modelo às outras. Portanto, não convém olhar para outros lugares, alargar os quadros tradicionais em que se fechavam nossas reflexões sobre a condição humana? Não devemos aí integrar experiências sociais mais variadas e mais

² O filme "Escolarizando o Mundo", é uma co-produção americana e indiana, dirigido e editado por Carol Black. No seu slogan há a frase que define o teor do tema tratado: "Se quisesse destruir uma cultura, por onde começaria?... Pelas crianças." O filme está disponível no You Tube, legendado em português: http://www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs

diferentes das nossas, além dessas em cujo horizonte estreito por muito tempo nos confinamos? Posto que a civilização de tipo ocidental não encontra mais em seu próprio fundo com o que se regenerar e tomar novo impulso, pode ela aprender alguma coisa sobre o homem em geral, e sobre si mesma em particular, nessas sociedades humildes e por muito tempo desprezadas, que até época relativamente recente haviam escapado à sua influência? (2012, 11)

Persistir no corpo e no movimento - sinônimos de vida - incorporando práticas que dialoguem com as realidades locais, que alarguem horizontes e fortaleçam a pessoa em si vai de encontro ao papel da Educação Física tal e qual a almejamos hoje, alinhados aos parâmetros curriculares. E, na desesperança de um ensino reprodutor de conteúdos generalizantes, aprendemos com o que há de melhor na educação: as crianças e seu brincar.

O Brincar em todo canto

Encontrar o Brincar e os que desenvolvem uma relação prazerosa e fundamental com o movimento humano não é tarefa difícil: em todo canto e em qualquer rincão, sempre há os que estejam brincando e jogando em gestos deslumbrantes. Acreditamos nisso que identificamos em toda parte: um brincar que parte da ação da criança - portanto genuíno, autêntico, espontâneo, autônomo e livre, deflagrador de uma experiência dentro da cultura do movimentar-se tão entusiasmada que perdura, perdura... Como está em toda parte, o que fazemos, além de identificar o fenômeno em si, é atentar para seus prismas e suas reprises.



São, portanto, as recorrências que norteiam essa pesquisa – por meio delas vislumbra-se o que parece ser mais significativo para o humano no geral e para cada pessoa em particular. Para nós, as recorrências são indicadoras de significado e potência.

De maneira elaborada – basta observarmos a arquitetura complexa dos brinquedos dos meninos do Brasil, ou conhecermos seus jogos com regras intrincadas - a especificidade do brincar pode ser considerada parte de nossa natureza ontológica, ou seja, de uma particularidade essencialmente humana. Independentemente da etnia, classe social, gênero, características físicas, nacionalidade, entre outras, o jogo e o brincar transcendem limites espaciais e temporais para localizarem-se no aqui e no agora em um diálogo que infere a universalidade.

No filme *Inch'Allah* (BARBEAU-LAVALLETTE, 2012) - expressão que significa “se Deus quer” - abordando a temática do conflito entre Israelenses e Palestinos, há uma cena emblemática: um dos protagonistas precisa atravessar uma barreira de soldados para conduzir sua irmã para o hospital, no outro lado da fronteira. Ela está em um trabalho de parto emergencial e o bloqueio, rigoroso. Defronte a um soldado inflexível, que cumpria ordens severas, o irmão roga passagem: “Preciso do hospital, por favor, minha irmã não está bem, mesmo!”. Implora, suplica, mas nada demove o soldado a um caráter de exceção. Assim, como último recurso, o protagonista inicia um discurso desesperado sobre futebol: “Você torce para o Barcelona? Eu também, eu também!” E discorre sobre peculiaridades do distante time de futebol, atualizando as últimas novidades em uma tentativa de estabelecer um elo comum, um olhar de compaixão - portanto uma comunicação de humanização. É onde ele consegue que o soldado oscile no cumprimento de suas ordens.

Diálogo universal, essencialmente humano, cujo envolvimento nos atravessa. Huizinga (2001) já situou o fenômeno em diversas esferas da vida humana³. Identificamo-nos e irmanamo-nos no jogo, no brincar, na torcida de um mesmo time, nos assuntos que envolvem o esporte. Falamos de uma mesma paixão. Para além da linguagem, o jogo e o brincar expressam-se no movimento: qualquer criança em contato com outra pode realizar este diálogo que se manifesta no corpo. Outro filme em torno da

³ Alguns dos capítulos do livro relacionam o Jogo e outras esferas da vida humana: O Jogo e o Direito, O Jogo e a Guerra, o Jogo e o Conhecimento, O Jogo e a Poesia.

mesma temática⁴ apresenta sete meninos, israelenses e palestinos. Apesar de morar a apenas 10 minutos de distância entre si, vivem realidades diversas. Falam de si por meio de vozes alheias a eles próprios, ecos de muitas gerações. Exibem a dura realidade que vivem através de falas cortantes que escutam e repetem, dando continuidade ao jogo de guerra estabelecido ao redor. Quando convidados para um encontro entre si, de início titubeiam, mas por fim acatam a ideia do documentarista. A proposta agora é "virar o jogo" e estabelecer uma comunicação real entre eles, a comunicação da bola rolando em campo. Nesse momento o documentário escancara a esperança. Os ressentimentos e ódios entranhados são colocados de lado. As crianças brincam juntas.

Maravilha é saber a gramática do jogo, poder postar-se jogador-protagonista com um outro e estabelecer esta interlocução corporal e emocional vigorosa e entusiasmante.

A abordagem fenomenológica e a subjetividade

A busca das recorrências - do que se repete em todos os lugares independentemente do meio cultural onde as pessoas estejam inseridas - parte da abordagem fenomenológica. Esta busca ontológica intenta investigar subjetividades. Isso pressupõe considerar a perspectiva da primeira pessoa, sempre, daquela que vive a experiência. Mas - e isso é importante - a coleta deste material rico e humano, apresenta-se não apenas como componentes individuais ou particulares. Busca-se a pessoa universal, o que nesta perspectiva se repete como possíveis traços de nossa existência.

Portanto, a abordagem fenomenológica enfatiza a experiência, ou a experiência pessoal, mas procura nisto o que é verdadeiro para todo ser humano, para poder fazer postulados mais gerais, não apenas observações particulares ou individuais⁵. Persegue assim, as características da existência humana. (MARTINKOVÁ, PARRY, 2011)

De modo que a pesquisa subjetiva observa o que é mais significativo. A questão da significância é considerada uma categoria de pesquisa de imensa importância para as ciências sociais, uma vez que se investiga a compreensão e o significado dado por indivíduos a diferentes questões. Se quisermos identificar o que seria mais significativo em um jogo de futebol, por exemplo, passaremos a largo de dados mais simples e

⁴ "Promessas de um Novo Mundo", de B.Z. Goldberg, 2001.

⁵ Não se trata, no entanto, da busca da universalidade objetiva – bastante debatida atualmente - tal e qual a conhecemos nas ciências duras. Mas de considerar uma universalidade permeada de fatores relativos, de tendências e outros indicativos prementes.

objetivos como “ganhar”, ou obter os maiores rendimentos quantitativos na partida - maior número de posse de bola, maior número de finalizações, maior número de gols. Embora “ganhar” seja fator de extrema relevância, não está contido nele o que faz de um jogo algo memorável e muito significativo. Lances de invenção, de coragem, incidentes de dribles, episódios teatrais, inferências dos juízes e bandeirinhas, injustiças, pênaltis, comportamento da torcida, atmosfera, ritmo do jogo... Tudo pode corroborar com o “algo a mais” e ampliar sua significância.

Não se trata, portanto, de descartar dados objetivos, mas de atuar em comunhão com eles. É importante saber - se é fato - que a média de tempo de intervalo para as crianças no Ensino Fundamental nas escolas é de 15 minutos. Mas não podemos com isso inferir que as crianças não brinquem ou joguem nas escolas. Se quisermos contribuir com a questão do brincar, precisamos de uma abordagem que considere pesquisar a compreensão do brincar pelos atores da escola, adultos e crianças, as aulas de educação física e outros espaços possíveis de brincar e jogar, as diretrizes gerais, os sentimentos e os valores individuais e coletivos em relação a esta temática.

Neste sentido, é muito importante a compreensão da subjetividade e o reconhecimento de sua pertinência na produção de conhecimento. Ela é metodologicamente significativa especificamente na percepção dos fenômenos de manifestação humana onde o ser humano não pode ser estudado apenas como um objeto. Se as crianças gostam de brincar e jogar, isso não pode ser desconsiderado, sob pena de realizarmos um desserviço para a sua formação. Mais vale observarmos atentamente como, quando, de que modos se realizam seus jogos e brincadeiras, o que aprendem e como aprendem, do que, por exemplo, negar a prática, ou considera-la irrelevante para o seu aprendizado.

Assim, a partir do subjetivo e do que aparece com assiduidade – revelando seu significado latente - encontramos nos brinquedos e brincadeiras, jogos e manifestações populares, expressões desta humanidade que nos atravessa.

A temática do brincar, bastante reconhecida no âmbito acadêmico, está presente em diversas áreas do conhecimento que circunscrevem o assunto sob diferentes perspectivas e metodologias. Por exemplo, historicamente, podemos investigar o percurso temporal de alguma brincadeira específica, como a de casinha, do peão, do jogo com bola - desde o seu surgimento até os dias atuais. Muitos dos jogos remontam à pré-história da humanidade, outros localizam-se na Idade Antiga ou na Idade Média (FRIEDMANN, 1992). Por si só esses dados deflagram a importância do fenômeno

para o humano. Sociologicamente, pode-se analisar as estruturas e regras inerentes a determinados jogos realizados por determinados grupos sociais, isso também é revelador de nuances específicas e contributivas. (FERNANDES, 1979). Geograficamente onde se localizam e como dialogam com o ambiente, antropológicamente como se situam em diferentes culturas e como observamos o brincar a partir do ponto de vista de quem o realiza (COHN, 2005; FRIEDMANN, 2005). Pedagogicamente, o brincar constitui-se já como traço essencial na aquisição de conhecimentos. Tanto na Educação como na Educação Física, o brincar e o jogar são muitas vezes abordados como meio para se atingir determinados objetivos – aquisição de conteúdos curriculares ou aquisição de habilidades motoras. Há testes elaborados, aplicados para medir objetivamente o desenvolvimento motor a partir do brincar. Muitos destes estudos são realizados com maestria e contribuem para nossa investigação.

Na Educação e na Educação Física, especificamente, apenas pelas possibilidades oferecidas pelo espaço e pelo contato (quadras, quantidade de crianças reunidas) sabemos que o jogo e o brincar acontecem espontaneamente, sem diretrizes curriculares ou propostas apresentadas. Basta observarmos a grande correria e animação para o início das aulas com o corpo e o movimento. Também já sabemos que as crianças estão apreendendo habilidades cognitivas, afetivas e motoras enquanto brincam espontaneamente – e ao observá-las, percebemos que as aptidões adquiridas pelas crianças no brincar espontâneo e autônomo são sempre maiores e melhores do que esperávamos. (SAURA, 2014a) Trata-se de observar o que traz o movimento que surge da atividade das crianças ou de uma proposta – e potencializa-lo; ao invés de conduzir atividades para uma habilidade motora específica. Muitas vezes tentamos “ensinar” saltos, e propomos exercícios de repetição de habilidades - ficar em fila e saltar, um por vez, um obstáculo. Na brincadeira e no jogo com elástico, a habilidade está colocada. Mas o que as meninas almejam, com maestria, não é o salto em si. Dialogam com o desafio e com os materiais disponibilizados. (SAURA, 2014b)

A partir do ponto de vista fenomenológico pudemos perceber que independentemente da localização temporal ou geográfica de jogos e brincadeiras, de estudos antropológicos, sociológicos, psicológicos ou pedagógicos – ou em comunhão com estes - as crianças estão ativamente brincando e se movimentando no aqui e no agora. Nos movimentos observados, para além do desenvolvimento motor - que pressupõe por si só o desenvolvimento cognitivo e afetivo - temos a expansão e a

expressão de um algo a mais, sempre identificado nos esportes de alto rendimento: o desenvolvimento do sublime.



Comunidade de Tatajuba, Ceará. Foto: Renata Meirelles

Casinhas, cabanas e goleiros

Os materiais de campo do Projeto Bira e do Projeto Território do Brincar⁶ revelam estes jogos, brincadeiras e gestos extraordinários e prodigiosos que se repetem recorrentemente, independentemente da cultura onde estão inseridos. Os meninos e seus brincares exploram natureza, ambiente, ferramentas, materiais. O corpo parece estar a serviço de tudo, sobretudo da criança e de suas necessidades latentes, ela mesma, em si.

É sintomático que crianças brinquem, e citando um entre tantos exemplos - de casinha - por todos os cantos. Para além da manifestação de uma cultura, de uma conversa com o ambiente onde estão inseridas, o fato dessa brincadeira acontecer em todos os locais onde as crianças se juntam para criar o jogo, revela uma manifestação subjetiva genuína e estruturante da pessoa.⁷ Alguns especialistas da infância, identificando a recorrência do fenômeno, aprofundaram-se nas imagens emblemáticas produzidas pelas crianças, vindas

⁶ Desenvolvidos pelo documentarista David Reeks e pela pesquisadora Renata Meirelles, os dois projetos percorreram distintas regiões do Brasil documentando as produções infantis. Para mais informações ver: www.territoriodobrincar.com.br

⁷ “O complexo de cultura muitas vezes perde contato com os complexos mais profundos e sinceros. Ele não tarda a torna-se sinônimo de uma tradição mal compreendida, ou, o que vem dar no mesmo, de uma tradição ingenuamente racionalizada”. (Bachelard, 1998: 43)

“de uma bacia semântica das primeiras habitações, íntimo, mais simples, da choupana, do escurinho protetor, da caverna, embaixo do lençol, casinha, da casa na árvore. Aqui as palavras nascem baixinhas, os ouvidos ganham uma dimensão de porta para outros mundos. A criança de maior sensibilidade quando sente medo primeiro tapa os ouvidos.” (MEIRELLES, PIORSKI, 2013: 123)

A brincadeira da casinha, esse espaço da intimidade, de encontro com o primordial gesto de dar contorno a si e ao mundo, está em todos os cantos, e digo cantos não somente no sentido de lugar geográfico e regional, mas em cantos fechados, em espaços reclusos onde poucos cabem. O gesto é para si, para o isolamento, para ouvir a íntima voz de dentro e, conseqüentemente, do ser humano. Aqui o silêncio interno e externo comungam em uma força impulsionadora de escuta de princípios.

A brincadeira começa com a organização espacial, limpando o terreno, arrumando o local aonde se erguerá seu mundo digno de ser habitado. Uma etapa de vassouras em punho, de arrastar móveis, de afastar os excessos e ficar com o essencial.



Vale do Jequitinhonha – MG e Comunidade Quilombola Boa Vista – MA. Fotos: Renata Meirelles.

Organizado o território do brincar, é hora de definir paredes, delimitar terreno, erguer estacas, pendurar panos, cobrir o mundo que será vivido na intimidade. Ali entram só os objetos que dão sentido à vida, definidos cuidadosamente com olhares de encontros, de quem achou exatamente o que buscava. "Olha, isso vai ser nossa mesa"; "Isso serve como panela"; "Achei uma coisa que dá para usar como pia". Por mais estruturada que seja a casa, por maior que seja a quantidade de brinquedos industrializados carregados de formas prontas com poucas margens para criar, haverá sempre espaço para singularidades, para um encontro com a sua representação.

Surgem assim os cômodos e a casa pode agora receber a vida. Nascem os filhos, e com eles nasce também o alicerce do mundo: a mãe.

Cuidar do outro, zelar para que a semente frutifique, em uma maternagem "agrária" de quem entende de sementeiras, plantios e colheitas, mesmo que viva em zonas onde o asfalto cobre quase que totalmente o solo. Meninas de todos os "cantos", de todos os tempos, repetem esses gestos de manutenção do ciclo da vida. Gestos primordiais, originários, ancestrais que estão bem antes de imitações do mundo adulto e dos aspectos culturais que as rodeiam. Re-lembram mais do que copiam, revivem mais do que se preparam para um futuro. Seja onde for, em que país ou tempo histórico vivido, a recorrência universal da brincadeira de casinha está lá.

A manutenção da vida exige alimentação e a etapa das comidinhas vem com a força da ancestralidade. Debruçam-se aos fogões com intenções claras, mãos certeiras, transformando a matéria em alimento. Quanto mais viva e orgânica a comida, maior o reconhecimento imaginário. Terra, lama, pedacinhos de grama, gravetos, folhas, e por fim o toque do belo: as flores.



Comidinha preparada na cidade de São Paulo SP. Foto: Renata Meirelles

Uma infinidade de pratos criados com tamanho vigor e desejo de dialogar com nossa "saga humana" que seria possível fazer um tratado do brincar partindo exclusivamente das produções culinárias infantis.⁸

⁸ Para estas e outras produções, ver: "Casinhas do Vale do Jequitinhonha", de David Reeks e Renata Meirelles, disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ga8llq503Rk>; "Brincadeira de Casinha..." de

Brincadeira “de menina” por excelência, é território acessado por meninos quando cumprem função arquetipal masculina: construir telhados, paredes, montar o fogo, sair para o trabalho, buscar materiais, carregar peso, caçar, defender o território, guerrear. Para os meninos, não são casinhas: são cabanas, ocas, grutas, fortes, guaridas, castelos. Há regras bem definidas de participação. O jogo começa, meninas podem até não entrar.

“Papai era o amigo do Bufalo Bill. Ele tinha uma cicatriz no nariz, dizia que era de um tiro que tinha levado. E contava tantas aventuras! Com índios, com bandidos... E o pai, sempre ao lado dos mocinhos com os índios apaches. Assim meu irmão construía seus forte-apaches. Dentro do buraco da lareira de casa. E montava todo um faroeste, do jeito que queria, ninguém podia mexer. Tinha cavalos, muitos bonecos-homens, índios, escadas, cercas... Tinha muita coisa... E para completar, o cachorro dele, o Bob, rosnavava e mordida quem chegasse perto do meu irmão. O próprio cão de guarda.” (depoimento de Adriana Ferraz de Araújo, sobre as brincadeiras de seu irmão).

Em termos de movimento, vale inferir as possibilidades colocadas em diversas modalidades esportivas, presentes nos brinquedos e brincadeiras – e provavelmente, iniciadas ali. Tendemos, na prática das atividades físicas, a colocar os movimentos mais intimistas no esquecimento, como se não fossem parte constituinte do movimento humano. Mas,

“todo movimento apresenta um animus bem demarcado: o rendimento, a técnica, a superação, a materialidade instrumental do corpo. É ‘imperativo, assertivo, racional, social’. Mas também uma alma sensível própria da pessoa, indissolivelmente entrelaçada à manifestação do animus mais racional e objetivo, mas que trazem parâmetros de sonho, de devaneio, de inconsciência, de êxtase e de entusiasmo, de um envolvimento profundo com o movimento que realiza, vitalmente transformador da pessoa, revelador para si, estruturante. Este seria o duplo papel do movimento na vida das pessoas. (SAURA, 2013: 140)

Os movimentos que nos mostram os meninos e meninas reservados e silenciosos na busca de interioridade das casinhas e cabanas trazem esta outra sensibilidade. Da proteção e do abrigo. Do esconder e do resguardar.

O segredo e o silêncio, a contenção e a quietude escondem e acolhem grandes guerreiros. A defesa, presente na inferência do goleiro ou dos defensores nos jogos de

Sandra Eckschmidt, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Fgcw7EP8LQ> ; Filme “Ô, de Casa!” de Clarissa Alvarenga; e o livro: “Casa Redonda, uma experiência em Educação”, de Maria Amélia Pinho Pereira.

bola, está também nos soldados do castelo, nos meninos em seus fortes. Fechar a casa, fechar o gol. Defender tudo.

Não deve ser à toa que o goleiro é descrito como um homem solitário. No esporte, é um personagem marcado pela angústia, pela espera, pela solidão, estrangeiro em seu próprio time, único entre os onze. Um dos romances mais famosos do filósofo e escritor francês Albert Camus - prêmio Nobel de Literatura em 1957 – chama-se “O Estrangeiro”. Albert Camus era goleiro.

Nunca houve um escritor como Albert Camus. Porque nunca houve um Nobel de literatura com um passado de goleiro. (...) O goleiro é uma criatura estranha no campo de futebol. Único jogador que pode agarrar a bola com as mãos. Um estrangeiro. (...) Ao visitar o Brasil no final dos anos 40, Camus admirou-se com as casas caiadas e telhados vermelhos do bairro de São José, em Recife. Observou o contraste entre a floresta continental e o concreto de São Paulo. Mas, velho apaixonado, seu primeiro pedido foi assistir a um jogo de futebol. Fascinado pelo amor do povo pelas quatro linhas do gramado. Amor que ainda carregava em seu coração. Anos depois, um jornalista perguntou, irônico, sobre a importância do futebol em sua vida. Futebol considerado mera curiosidade na biografia do escritor. Albert Camus respondeu. Subitamente sério. Saudade no olhar: ‘O que eu sei sobre a moral e as obrigações de um homem devo ao tempo em que joguei futebol’” (VIEIRA, 2008)

Outro personagem estrangeiro e solitário que se identifica com a posição de goleiro é Mauro, no filme “O Ano em que meus pais saíram de férias” (Hamburger, 2006). A narrativa interliga elementos da experiência da ditadura e do futebol, na medida em que o menino nos leva a conhecer uma comunidade de judeus em São Paulo. É um filme bastante emocional, que coaduna seus elementos de maneira subjetiva e afetiva e o protagonista, ali estrangeiro, sem os pais, é o diferente, com dificuldades de compreender os códigos tanto da comunidade judaica quanto dos militantes ali sediados. Sozinho, espera o retorno dos pais. Por isso, identifica-se com o goleiro.

“Meu pai sempre diz que o goleiro é aquele jogador diferente, que fica sempre sozinho, esperando sempre o pior” (HAMBURGER, 2006)

Movimentos de quietude e solidão são também constituintes fisiológicos do nosso ser. Senão não apareceriam com tanto vigor e verdade nas brincadeiras dos meninos e meninas. São necessários e vitais para o estado de silêncio e atenção dos

meninos-guerreiros-caçadores-jogadores. As brincadeiras de casinha e cabanas, intimistas, também contêm em si exercícios de força, concentração e potência.

Dos Materiais de Campo à Fenomenologia da Imagem

Diante da primeira versão da exposição dos materiais do Projeto Território do Brincar - exibidos primeiro no Conjunto Nacional em São Paulo e depois na Escola de Educação Física e Esporte da USP - percebe-se este caráter subjetivo ao qual nos referimos. A exposição apresenta quatro temáticas: Casinhas, Carrinhos, Barquinhos e Pular Elástico. Em cada tema um gesto, uma expressão configurada pelo corpo interagindo com desafios, potencialidades, rigores e flexibilizações do externo, que instruem a criança pelo próprio fazer, pela experiência de estar na brincadeira.

Na brincadeira do elástico veem-se corpos no desejo de crescer, ganhar alturas, vencer a gravidade e se desgrudar do chão. Uma brincadeira de expansão potente, de se abrir ao mundo e ascender a cada nova etapa do jogo. Aqui as meninas são capazes de voar.

Na casinha, a mesma menina e menino que saltam no elástico vivem o movimento inverso. Recolhem-se para dentro, para o mais íntimo dos gestos. Enraízam-se em um cantinho desse mundo, habitam refúgios que dão a possibilidade de entocar-se, esconder-se, fechar-se sobre si mesmos, nessa intimidade assegurada e protegida pelos contornos do pequeno lar. Defendem o território. Solidão e espera, características do goleiro-estrangeiro.

Nas construções de carros e barcos os meninos, mais do que as meninas, aguçam o exercício do desejo. Os meninos são amigos dos instrumentos. Com mãos persistentes, tentam, erram, consertam, ajeitam, aprumam, refazem, põem até careta no rosto e língua de fora para ajudar a dar certo. Bem sabem o quanto a mão instrui, vai à frente, serve de guia. Os olhos caçam objetos largados, enxergam a vida dos restos, preveem mecanismos, eixos e formas. As mãos concretizam o que os olhos desejaram. E assim, corpos inteiros se entregam na vigorosa labuta de fazer seus brinquedos de verdade.

Dentre os tantos esportes, o uso de instrumentos e ferramentas é sintomático. Não surfamos e voamos sobre as ondas do mar sem a prancha. Não estendemos nossa velocidade sobre o asfalto, superando obstáculos e descobrindo uma outra cidade possível sem o skate. Gumbrecht (2007) explorou a temática instrumental do esporte a partir de carros e cavalos. Os instrumentos foram elencados como um dos sete fascínios

do esporte por “tornar possível superar limites de um desempenho humano” (p.124) Não é a toa que o uso de ferramentas esteja tão ligado ao brincar. Relacionam-se à nossa capacidade de transformar a natureza e superar limites impostos ao nosso corpo. E para a autenticidade que nos apresentam as crianças nas suas brincadeiras, diante da dureza do mundo a ser trabalhado, valem mesmo só se forem de verdade. As ferramentas não podem ser de plástico e os instrumentos têm que funcionar. O barco, depois do martelo e do serrote, flutua, veleja. Ganha nome e vida própria, conduzido pelo menino-criador.

Todos os temas manifestam incríveis potencialidades do movimento humano. Diante dos materiais e imagens⁹, independentemente da origem, idade ou outras características dos transeuntes, há uma identificação primordial com o conteúdo.

Houve intencionalidade na escolha destes materiais: além de compartilhar alguns dos aparatos coletados em campo, o desejo foi de provocar a subjetividade da criança-universal no outro. De fato, observamos a reação dos desavisados: de passagem, dando apenas uma “paradinha”, adentram um universo pessoal e intransferível. Riem e choram diante dos cantos esquecidos de suas infâncias. Ainda que nunca tenham brincado daquela maneira, lembram-se. Saudade e inteireza. Identificação e memória. Acessam assim um território de ancestralidade e potência. Diante da exposição, os relatos dos passantes são de muito reconhecimento e pouca estranheza.

“Eu fazia bonecas de abóboras e eu fazia delas as minhas bonecas. Desenhava assim o rosto, vestia roupas, embalava. Fazia de milho e de tijolo. Não tinha bonecas de plástico, elas não pesavam de verdade.” (depoimento de Elza América de Carvalho, auxiliar de documentos da EEFE-USP).

O reconhecimento de subjetividades é acima de tudo, provocativo:

“Eu procuro valorizar essas brincadeiras e brinquedos em casa, tanto que já fiz três estilingues para minhas filhas, que são “ratas” nessa brincadeira de elástico”. (Depoimento de Umberto Corrêa, docente da EEFE-USP)

E as crianças, diante das imagens, quase não aguentam esperar. Perguntam afoitas diante dos objetos: “Agora podemos brincar? Podemos, podemos?”

Isso porque as imagens constituem-se como um recurso importante na provocação de subjetividades e emoções. Atualizam a ancestralidade, potencializam a memória, deflagram o desejo. A partir dele, a busca ontológica da existência. Alguns alunos de Educação Física e Esporte declaram a motivação principal para o

⁹ A exposição está composta por objetos-brinquedos, vídeos, fotos e narrativas.

envolvimento em uma determinada modalidade esportiva: foi a visão magnífica de um atleta de alto rendimento em ação:

“Quando criança a posição que lhe chamou a atenção foi a de goleiro: pelas vestimentas diferenciadas, pelos gestos apresentados e pela soberania deste personagem dentro de um jogo”. (depoimento de Lucas Rodrigues Furim a Felipe Guimarães Marco, ambos goleiros e pesquisadores da EEFÉ-USP)

Por isso, orientamo-nos por um autor que desvela o sentido imagético-poético em sua fenomenologia: Gaston Bachelard. É ele que admite esta provocação¹⁰ da imagem e que reconhece, em seu “estudo filosófico completo da criação poética” (1998, 1) que

“a imagem é uma planta que necessita de terra e de céu, de substância e de forma. As imagens encontradas pelos homens evoluem lentamente, com dificuldade, e compreende-se a profunda observação de Jacques Bousquet: ‘Uma imagem custa tanto trabalho à humanidade quanto uma característica nova à planta’” (1998, 3).

Assim, Bachelard empenha-se no estudo destas que inspiraram “as filosofias tradicionais e as cosmologias antigas”, investigando o repertório humano a partir de matérias e formas derivadas de quatro elementos principais - fogo, água, ar e terra.¹¹ Trata-se de um mapeamento de imagens poéticas.

Estas imagens poéticas, inscritas no humano e em construção bio-cultural, ultrapassam qualquer racionalização, sendo desveladas em um caminho vivencial e empático, de reconhecimento e doação. Manifestam-se nas artes em geral, no brincar e nos jogos, atualizadas no corpo em movimento. A fenomenologia da imagem bachelardiana atua com imagens subjetivas e sua perseguição parece ser pelas imagens mais ancoradas no nosso ser. Assim, busca na literatura – esta que é oriunda de nossa criação imagética - cenas metafóricas e representativas do nosso universo mental.

Por isso se diz que a fenomenologia bachelardiana é um ato subjetivo e uma filosofia de entrega (Freitas, 2003). Porque diante da imagem poética e literária, nada mais podemos fazer senão entregarmo-nos. Como diante de um bom livro, ou da

¹⁰ “O mundo é minha provocação, compreendo o mundo porque o surpreendo com minhas forças incisivas (...) A provocação é uma noção indispensável para compreender o papel ativo de nosso conhecimento do mundo”. (BACHELARD, 1998 p. 166))

¹¹ As obras a que nos referimos são: “A Psicanálise do Fogo”, “A Água e os Sonhos –ensaio sobre a imaginação da matéria”, “O Ar e os Sonhos –ensaio sobre a imaginação do movimento”, “A Terra e os Devaneios da Vontade –ensaio sobre a imaginação das forças” e “A Terra e os Devaneios do Repouso –ensaio sobre as imagens da intimidade”.

experiência do cinema. Atualizamos imagens e narrativas. Emocionalmente e afetivamente, no corpo.

E, embora também possa ser, “a imagem poética não é o eco de um passado” (BACHELARD, 2008:2), mas um reconhecimento, uma empatia e uma identificação - ainda que a priori. Isto é sobretudo importante: para reconhecermos as imagens, não precisamos termos visto ou vivido a cena anteriormente. Podemos nunca ter estado em terras pantaneiras, mas no eco de canções de boiadeiros, sentiremos saudade aguda dos tempos de vaqueiro. Nossa subjetividade em contato com as imagens poéticas, já nos garante uma vivência profunda.

“O fenomenólogo não vai tão longe. Para ele, a imagem está aí, a palavra fala, a palavra do poeta lhe fala. Não há necessidade de ter vivido os sofrimentos do poeta para compreender a felicidade de palavras oferecidas pelo poeta – felicidade de palavra que domina o próprio drama”. (BACHELARD, 2008: 14)

De modo que compreendemos as crianças diante das imagens da exposição. Dizemos: “Sim, podem brincar”.

E correm os meninos provocados e instigados pelas imagens, desejosos de produções próprias. As cenas ali no pátio são poéticas e reais: revelam o arrebatamento do movimento humano provocado por águas imaginais profundas.

Brincar e Jogar com imagens

Para as atividades físicas e esportivas, as imagens poéticas são de suma importância. Crianças e atletas de alto rendimento nos fornecem possibilidades inimagináveis. Mas não apenas isso. Acontece que essas imagens perseguem o maravilhoso, o belo, o sublime, o drama e a vida emocional. Os poetas e literários, os cinegrafistas e documentaristas, os jornalistas esportivos e narradores sabem que para se contar de um jogo ou discorrer sobre um feito, é necessário mais do que fatos ou dados objetivos, pragmáticos, cindidos. Há que se ter imagens poéticas, contidas nos detalhes cotidianos. Ao busca-las, têm a possibilidade de transportar o leitor ou espectador para a participação efetiva. Nelson Rodrigues já era um consagrado dramaturgo e contista quando se propôs a atuar como cronista esportivo. Sabe falar do que importa nos resultados de um jogo: “Eu me daria por satisfeito se, em vez de um, fosse meio a zero” (2007: 279).

E é sobre o jogo do Brasil e da Áustria, na copa de 1958, que ele homenageia o goleiro Gilmar:

“Eu confesso que sempre o achei cinematográfico. E, de fato, Gilmar não gosta muito das defesas simples. Estiliza qualquer intervenção e, nisto, é bem brasileiro. O futebol brasileiro é enfeitado como um índio de carnaval. Restava saber se no mundial, assim acrobático e assim alado, ia dar ao escrete a cobertura necessária.” (RODRIGUES, 2007: 393)

Os Goleiros rodriguinianos são cinematográficos, acrobáticos, alados, “sílides incorpóreas” (2007: 473). Faltam adjetivos para os saltos salvadores e heróicos. Observemos as meninas diante dos fios de elástico nas alturas. É o homem capaz de voar. Pois “se todo time assombra, mas o goleiro falha, não há vitória possível”. (2007: 393.

“E, então, com seu maravilhoso instinto de arqueiro, antecipou-se à bola. Quando ela chegou e ia entrando, o homem estava lá. O salto que deu foi algo de plástico, de acrobático, de alado.” (2007: 394)



Defesa de Felipe Guimarães Marco, 2011.

No filme onde Mauro é protagonista, depois de uma sequência de defesas de um goleiro negro em um campeonato de bairro, sem ar, ele anuncia: “E de repente descobri o que eu queria ser: negro e voador”. (HAMBURGER, 2006)

A inferência do goleiro pode ser contada por ele mesmo, guarda-redes em pessoa:

“Antes me apresento. Prazer, goleiro! Sou aquele que antes começa e por último vai. Aquele que orienta, que cobra, que auxilia, que entende, que garante, que se dedica, que se fere, que encanta, que falha, que compõe. Aquele com a arte de proteger uma meta e ainda de poder contribuir para atingir o objetivo do coletivo. O goleiro vem a ser um personagem forte, pois o processo que este sofre para compor o grupo muitas vezes exige do indivíduo um caráter íntegro. Se ele não se dispor em desempenhar a função pela falta de alguém para esta, ele é motivado extrinsecamente para o cargo por não apresentar habilidades suficientes para se manter dentre aqueles que realizam a arte de dominar o globo com membros inferiores. Ele quer participar, ele quer contribuir, quer ser valorizado, porém apesar da boa moral elucidada, vem a ser aquele quebra galho que nunca é entendido. Valorizado será quando elaborar milagres, práticas dignas de circo, sendo esteticamente belas. (...) Ser goleiro é transcendente, é incrível barrar um ataque em que sua equipe toda já se declarava vencida, em que já não havia mais o que fazer, apenas esperar passar do guarda redes. E então, este executa algo inimaginável, com ampla ocupação de espaço em seu território soberano, com magnífico tempo de reação, belos tempos e técnica de movimento. Transcende porque intervêm em uma realização transcendente de outro indivíduo, tornando-o o imbatível. (depoimento de Felipe Guimarães Marco, goleiro e pesquisador da EEFÉ-USP)

O menino que fecha o cenho, fecha o castelo, a lareira, a casa-forte, o gol. “Defende tudo, até pensamento” (RODRIGUES, 2007: 393). Que usa as mãos como guia, instrumentaliza as luvas vermelhas, principal ferramenta em um jogo de pernas. O menino quieto que se entoca. Caça passarinhos, silencia procurando ninhos. Espreita. Não se trata de um movimento atual, mas de uma atualização do movimento.

Geist (2010: 121) identificando curiosas habilidades atléticas de nossa fisiologia motora, cita um exemplo:

“Somos os únicos mamíferos que podem permanecer em pé, equilibrando-se em apenas uma perna. Muitos pássaros o fazem, mas nenhum mamífero, com exceção de nós. E qual seria a vantagem? Essa habilidade é historicamente crucial na espreita da presa. Não poderíamos espreitar a não ser que podendo congelar em meio-passo, equilibrando-nos em uma perna, quando quer que a presa erga sua cabeça para olhar.”

Para realizar a façanha, quietude e silêncio. Porque perder a presa é perder força, o status, o poder, e eventualmente, a vida. O menino se apruma, ereto: é defesa e ataque. Pronto para o salto, como o goleiro, é capaz de voar. Ele sozinho, pode decidir o destino de um mundo inteiro. Do contrário, frustração, decepção, erro, solidão, falha.

Não pegar o pássaro ou a bola que bate na rede: Faz parte da vida e está contido no brincar.

Referência Bibliográficas:

- ALVARENGA, C. *Ô, de Casa!* [Documentário] Produção de Imago Filmes, direção de Clarisse Alvarenga. Brasil, 2007. Sd/ cor/ 70min.
- BACHELARD, G. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed. 2008.
- BARBEAU-LAVALLETTE, A. *Inch 'Allah* [Filme] Produção de Micro_Scope, direção de Anais Barbeau-Lavalette. Canadá-França, 2012. 101 min / 35 mm .
- BLACK, C. *Escolarizando o Mundo* [Filme] Produção de Neal Marlens, Jim Hurst e Mark Grossan, direção de Carol Black. EUA-Índia, Lost People Films, 2010. DVD-NTSC-R0 color/65 minutos.
- COHN, C. *Antropologia da Criança*. São Paulo, Ed. Zahar, 2005.
- ECKSCHMIDT, S. *Brincadeira de Casinha...* [Curta] Produção de Nosgustafilmes, direção de Sandra Eckschmidt. Brasil, Florianópolis, 2014. 9,40min.
- HAMBURGER, C. *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias* [Filme] Produção de Caio Gullane, Cao Hamburger, Fabiano Gullane, direção de Cao Hamburger. Brasil, 2006. 35 mm/ cor / 97 min.
- FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 1ª edição 1961. 2ª edição reduzida. Petrópolis: Vozes. 1979.
- FREITAS, A. *A Matéria Diurna e a Matéria Noturna: Gaston Bachelard, o Homem das 24 horas*. São Paulo, 2003. Tese. Mestrado. Programa de Pós Graduação Interunidades em Ensino de Ciências – Universidade de São Paulo, Instituto de Química, Instituto de Física, Faculdade de Educação.
- FRIEDMANN, A. *A Arte de Brincar*. São Paulo: Vozes, 1992.
- FRIEDMANN, A. *O Universo Simbólico da Criança: Olhares Sensíveis para a Infância*. São Paulo: Vozes, 2005.
- GEIST, V. The Carnivorous Herbivore. In Nathan Kowalsky (Coord), *Hunting, In Search of The Wild Life* (pp. 121-133). United Kingdom: Blackwell Publishing, 2010.

- GOLDBERG, B.Z.; SHAPIRO, J.; BOLADO, C. *Promessas de um Novo Mundo* [Filme] produção de Independent Television Service, direção de Justine Shapiro, B.Z. Goldberg e Carlos Bolado. Israel, 2001. 35 mm / 106 min.
- GUMBRECHT, H.U. *Elogio da Beleza Atlética*. São Paulo: Cia das Letras. 2007.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Editora Perspectiva. 2005.
- LÉVI-STRAUSS, C. *A Antropologia face aos problemas do mundo moderno*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.
- MARTINKOVÁ, I.; PARRY, J. An Introduction to the Phenomenological Study of Sport. In: *Sport, Ethics and Philosophy*, UK, v. 5, n. 3, p. 185-201, 2011.
- MEIRELLES, R.; PIORSKI, G. Oficina de Desmanchar a natureza. In: ALMEIDA, Rogério; SANCHES, Janina; SAURA, Soraia Chung (orgs). *Interculturalidade, Museu e Educação*. São Paulo: Editora Laços. 2013. Pp113-124.
- MEIRELLES, R.; REEKS, D. *Casinhas do Vale do Jequitinhonha* [Curta] Produção de Maria Fernanda dos Santos, direção de David Reeks e Renata Meirelles. Brasil, São Paulo, 2013. 4, 35min.
- PEREIRA, M. A. P. *Casa Redonda, Uma Experiência em Educação*. São Paulo: Editora Livre. 2013.
- RODRIGUES, Nelson. *O Berro Impresso das Manchetes*. Rio de Janeiro: Agir. 2007.
- SAURA, S. C. A Pedagogia do Movimento na Perspectiva do Lazer. In: CORREIA W.R.; BASSO L.. (Orgs.). *Pedagogia do Movimento do Corpo Humano*. Várzea Paulista: Fontoura, 2013, p. 121-140.
- SAURA, S. C. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. In: *Rev. bras. educ. fís. esporte*, São Paulo , v. 28, n. 1, Mar. 2014a.
- SAURA, S.C. Sobre Bois e Bolas. In: _____.; ZIMMERMANN, A.C. *Jogos Tradicionais*. 1.ed. São Paulo: ed. Laços. 2014b.
- VIEIRA, R. O Goleiro Albert Camus. Disponível em <http://blogdojuca.uol.com.br/2008/11/o-goleiro-albert-camus/>, publicado em: 07/11/2008. Acesso em: 22/05/2014.